

FERNANDO PESSOA - IMPERADOR DO QUINTO IMPÉRIO CULTURAL.

Salma Ferraz (UFSC)

ABSTRACT: The present article has the main purpose to analyse the following topics: the beginning of "Sebastianism"; to relate some religious doctrines of the Middle Age with the "Sebastianism"; to place Portugal as a sacral society; the misterious vanishing of D. Sebastião and the faith in Encoberto; the appearing of troops from Bandarra; Priest Vieira an his lectures of the Sebastianism; the poets from Portugal an the Sebastianism; Fernando Pessoa an his distressing trial to understand Portugal; the rereading that Fernando Pessoa does from the Sebastianism; *A Mensagem* an the Sebastianism; *A Mensagem* and the Fifth Empire; the Encoberto; the Sebastianism and the Fifth Cultural Empire, included in the book called *Mensagem* by Fernando Pessoa.

Uma das maiores preocupações de Fernando Pessoa, durante toda a sua vida, foi a tentativa de entender Portugal. Mas antes de chegarmos ao estudo das relações do poeta com a sua pátria, teremos, primeiramente que falar do mito Sebástico e do mito do Quinto Império, pois a importância destes mitos é essencial para compreendermos Portugal, visto que se apresentam, praticamente, como sinónimos da Verdadeira Alma Portuguesa.

No que criam os Sebastianistas?

"Sem dúvida, aos sebastianistas não faltavam nem a fé obstinada na vinda de um

imperador carismático, nem a esperança inabalável no estabelecimento de uma nova ordem política e social." (03, p. 13)

Portanto, "o sebastianismo é uma espécie de messianismo" (03, p.13), só que um messianismo nacional, característico de Portugal. Era a crença num messias, num salvador que livraria o povo dos opressores e traria salvação e paz. Cumpre esclarecer que Portugal era uma sociedade sacral, ou seja, tinha todas as esperanças individuais e coletivas ligadas à atuação de fatos sobrenaturais.

Quando falamos em Sebastianismo, lembramo-nos imediatamente de D. Sebastião, Rei de Portugal. Mas há de se esclarecer que o messianismo português é anterior ao Sebastianismo.

No final de Idade Média, a cristandade passava por um período crítico devido à corrupção no seio da Igreja, à ganância dos ricos e à exploração dos pobres, além do predomínio de um clima exotérico repleto de magia, alquimia e maravilhoso. Este estado de coisas motivou a aparição de diversos vaticínios que profetizavam a vinda de um Pastor Evangélico. Surge neste período o Joaquimismo que pregava a vinda de um grande reformador que traria paz e justiça.

A doutrina do Joaquimismo (1226) atingiu Portugal através dos frades minoritas e monges de São Jerônimo.

"Já nos anos críticos de 1383 e 1385 existia um forte messianismo em Portugal " (03, p. 25)

O povo português passa a viver, a partir de 1385, um estado de euforia nacional, quando conquista a sua autonomia geográfica e linguística. Após o que as conquistas ultramarinas dão maior força a este messianismo nacional.

Quando falamos em messianismo lembramos o povo judeu que esperou séculos pelo nascimento do messias: Jesus Cristo. Mas se Cristo nasceu, o messianismo não deveria ter sido extinto? Não, por dois motivos. Primeiro porque a maioria dos judeus não aceitaram a Cristo como verdadeiro messias, visto que esperavam um reino terreno e não puderam ver na humilde criança de Belém o messias

prometido que seria o Rei e salvador do povo israelita. Segundo porque o cristianismo que surgiu após a morte de Cristo continuou a ser messiânico, uma vez que os cristãos aguardavam e aguardam a sua segunda vinda à terra para implantar o milênio de paz, restabelecer o *Éden Perdido*.

De origem judaica e cristã, o messianismo chega a Portugal. Os vaticínios medievais e a pregação joaquimista encontraram solo fértil em Portugal, pois como sociedade sacral, a mesma não se contaminou com o humanismo e o protestantismo e também não participou de evolução cultural e intelectual europeia, permanecendo fechada em seu mundo encantado.

Data de 1265, a profecia de São Paulo Gil que diz o seguinte:

"Portugal, por parte de seus reis, gemerá por muito tempo e padecerá de muitas maneiras. Mas Deus te será propício e, não esperadamente, serás remido por um não Esperado. A África será submetida. O Império Otomano desmoronar-se-á. A Igreja será coroada com mártires. Bizâncio será destruído. A casa de Deus será recuperada. Tudo será transformado (...) Reviverá a Idade de Ouro. Por toda a parte reinará a Paz. Bem-aventurados os que virem isto." (03 p. 43)

Constatamos que além de crença no nascimento de um Salvador em Portugal, que traria redenção e paz, cria-se também que este Esperado submeteria a África, O Império Otomano, ou seja, seria o Imperador do Quinto Império Universal.

Dentre as inúmeras profecias que apontavam o nascimento do Encoberto, havia uma que especificava a data do nascimento deste Esperado. A profecia de S. Ceril, ermitão carmelita dizia:

"Do tempo do anno de 54 nascerá hum sol, que virá como pelijando, e com efeito o fará com força violenta, e de pouca estatura; e

dispois extenderá abraço pela redondeza da terra." (06, p. 43)

A profecia de S. Ceril indica o ano do nascimento do Esperado e também alude a um domínio mundial.

A crença no Quinto Império está relacionada à profecia de Daniel Capítulo 2. Ali aparece, nos sonhos do rei Nabucodonozor, uma estátua que possuía a cabeça de ouro, os braços de prata, as coxas de cobre e as pernas de ferro. Segundo a interpretação de Daniel e da maioria dos exegetas, as partes da estátua representariam os seguintes impérios: Babilônia, Medo-Persa, Grécia e Roma. Quanto ao Quinto Império (uma pedra que esmagaria todos os reinos anteriores), não há nomeação.

A alma portuguesa ansiava por um Salvador, mas foi só a partir das *Trovas* de Gonçalo Anes, sapateiro de Troncoso, conhecido por Bandarra, que este estado de alma se materializou.

Suas *Trovas* foram compostas a partir de diversas leituras. Bandarra conhecia o messianismo judaico, o joaquimismo regionalizado (coplas), vaticínios trazidos da Espanha, profecias atribuídas a Santo Isodoro através das *Coplas* do cartucho castelhano Pedro Frias e lendas do ciclo arturiano. A partir destes conhecimentos, num verdadeiro sincretismo de profecias, Bandarra convenceu-se da vinda de um Encoberto e então compôs suas próprias profecias. Entre 1530 e 1540 suas profecias ganharam corpo na alma do povo português:

*"Um grande Leão se erguerá,
E dará grandes bramidos;
Seus brados serão ouvidos;
A todos assombrará.*

...

*E fará my grandes damnos
Enos Reynos Africanos
A todos sugeitará". (06, p. 32)*

A primeira parte das *Trovas* anunciava o nascimento de um rei em Portugal, o grande Encoberto que

estabeleceria um reino de direito e justiça, conquistaria Marrocos e derrotaria os turcos fundando o Quinto Império. Como podemos observar o conteúdo da primeira parte das *Trovas de Bandarra* coincide com o teor da profecia de São Frei Gil, de 1265. Deduz-se daí que a crença no Encoberto não foi privilégio reiventá-la o Bandarra, ela já existia há pelo menos dois séculos antes de suas *Trovas*.

Com o florescimento dos vaticínios e das profecias sobre o Encoberto, não tardaria o aparecimento de diversos messias. Em Portugal o primeiro messias surgiu em 1526 e se chamava David Rubeni, descendente da tribo de Rubens (um dos filhos de Jacó, que constituiriam o que se conhece pelas *Doze tribos de Jacó*) e anunciava a redenção próxima do povo escolhido, tendo feito considerável número de discípulos.

Neste clima de magia, profecias e messias, as *Trovas* prosperaram:

"Pouco a pouco se foram incrustando na consciência nacional as idéias aparentes nas Trovas, e afinal soou a hora em que todo o Portugal esperava o salvador prometido, para uns o filho da casa de David, anunciado a Israel, para outros o rei Desejado."
(01, p. 29)-gnfo nosso

Este Desejado chega em 1.554 (ano indicado na profecia de S. Ceril) quando ocorre o nascimento de D. Sebastião. Era ele o Desejado, o Encoberto que além do nascimento profético possuía bravura cavallhereisca, idealismo, sobriedade, piedade e louros militares.

Mas este período ufanista em que vivia o povo português acabou em agosto de 1578 com a derrota de D. Sebastião em Alçácer Quibir, África: 8.000 soldados mortos, 15.000 presos e o rei predestinado, misteriosamente, desaparecido no areal. Foi sem dúvida a maior catástrofe de Portugal. Se D. Sebastião desaparece, o mito ao contrário floresce. Cria-se então que o monarca estaria em algum lugar misterioso, vivo e salvo e que de lá deveria voltar para implantar o Quinto Império Mundial em Portugal.

Juntamente com o Sebastianismo, surgiu a crença nas Ilhas Encobertas, relacionadas ao ciclo das lendas do Rei

Arthur. Nessas ilhas D. Sebastião estaria sendo purificado através de penitências e de lá deveria retornar.

Em 1.580 Portugal é anexado à Espanha pelo poder arrasador de Felipe II, motivo maior pelo qual se fortificou ainda mais o Sebastianismo, pois a submissão à Castela era semelhante a dos judeus na Babilônia. Neste ambiente de decadência e opressão o mito Sebástico sobrevive e se fortalece ainda mais.

Com o domínio espanhol, acompanhando o mito Sebástico e o mito do Quinto Império, surge a idéia da independência da Pátria.

Na realidade as *Trovas* de Bandarra, embora não afirmassem explicitamente, insinuavam ser D. João IV e não D. Sebastião o Desejado. Havia, além disso, a crença de que o Desejado seria o 16º Rei da Dinastia de Avis. Contando-se pais e filhos a partir de D. Afonso Henriques e deixando de fora os nomes dos reis que não tiveram filhos, chegava-se à conclusão de que o 16º Rei de Portugal era D. João IV e não mais D. Sebastião que desta forma seria o 14º Rei.

Após a morte de D. Sebastião, as *Trovas* ganharam novamente importância, pois o Encoberto era então interpretado como sendo D. João IV. Bandarra só não foi canonizado porque não se podia canonizar alguém que já havia sido condenado pelo Tribunal do Santo ofício (1541).

O povo português continuava a beber nas *Trovas* as suas esperanças. Padre Vieira após estudos das profecias de Bandarra e também porque a ascensão de D. João IV coincidia com a restauração, aponta-o como o Encoberto no Sermão que prega na Capela Real no ano de 1.642.

Em 1656 falece D. João IV e mais uma vez o messianismo nacional restaurador e o patriotismo mítico se misturam na alma Portuguesa.

Com a morte de D. João, as *Trovas* são novamente proibidas em 1665. Após a morte de D. João IV, Padre Vieira passa a defender a tese extravagante da ressurreição de D. João IV.

Após o golpe de D. Afonso VI, as esperanças no salvador prometido afervoram-se outra vez. O ano de 1666 (3 números 6) assustava tanto hebreus (cabala) como cristãos (apocalipse).

Padre Vieira, dotado de espírito inteligente e por demais perpicaz, abandona a idéia da ressurreição de D. João IV e dirige suas esperanças para o Quinto Império. Para cumpri-lo indica em 1664 o nome de Afonso VI como herdeiro do Encoberto. Depois, Vieira passa o Império a D. Pedro II e a D. João V que viveu pouco dias.

Em 1727 as *Trovas* foram novamente condenadas. Nunca se condenou tanto uma obra como esta. Mas elas possuíam um poder de sobrevivência incrível, ora eram condenadas, ora eram divulgadas, dependendo dos interesses políticos em jogo.

Tudo isto contribuiu para que o mito Sebástico e o mito do Quinto Império atravessassem os séculos. Em 1736 um frade Bernardo profetizava que o neto do Rei D. José fundaria o Quinto Império. No ano de 1808 a França invade Portugal e novamente o Sebastianismo ganha ânimo. Em 1809, 1810, 1816, aparecem novas edições das *Trovas*.

O que se pode constatar é que apesar das diversas indicações do Encoberto através das inúmeras interpretações das *Trovas*, havia um consenso geral entre os exegetas: seria um Rei e um grande reformador.

O mito Sebástico e o mito do Quinto Império acompanhavam os anseios da Alma Portuguesa, ora feneciam, ora ressuscitavam e chegaram a contemporaneidade através de poetas como Garrett, João de Lemos, Antônio Nobre, Teixeira Pascoais e Fernando Pessoa.

Como já havíamos mencionado, Fernando Pessoa tinha como uma das suas maiores inquietações o desejo de entender, compreender Portugal. Esta sua preocupação fez com que esboçasse inúmeros estudos sociológicos nos quais demonstra um profundo conhecimento do processo político-social do Portugal contemporâneo e uma consciência superior de nacionalidade.

Estes artigos não foram publicados durante a vida do poeta, como quase toda a sua obra, mas compunham um itinerário secreto e já neles (artigos e esboços de artigos) podemos observar indícios da *Mensagem* ou a idéia embrionária da mesma.

Mas não foi através dos projetos sociológicos que ele galgou êxito, senão através da criação poética. Sua

tentativa se torna realidade através do seu livro **Mensagem**, publicado em 1934 e que, a priori, o poeta pretendia chamar **Portugal**.

Neste livro o poeta revê toda a história pátria na tentativa de entender o futuro:

"... a 'viagem' de Pessoa das lonjuras do Império havido até a 'queda' na prostração do seu presente, e o 'salto' aventuroso no nevoeiro emblemático do futuro." (09,p. 34)

O poeta mergulha poética e mentalmente no túnel do tempo que o conduz ao início da história de Portugal e o leva até D. Dinis "O plantador de naus a haver" (08, p. 25), terminando esta viagem com a seguinte afirmação: "Ó Portugal, hoje és nevoeiro"(08, p. 53) . A impressão que temos é que entre estes dois versos citados, um da primeira e outro da terceira parte da **Mensagem**, há uma curva decadente, de um passado de glórias e conquistas para um presente estático, embaçado. Mas na realidade o que ocorre é justamente o contrário, há uma curva que ascende magistralmente no final. Os poemas que vão propiciar esta ascendência e que funcionam como um interregno ligando o passado de glória ao futuro brilhante são; PRIMEIRO/D. SEBASTIÃO, SEGUNDO/O QUINTO IMPÉRIO, TERCEIRO/O DESEJADO, PRIMEIRO/O BANDARRA, SEGUNDO/ANTÔNIO VIEIRA, TERCEIRO/...

O poeta tinha uma necessidade de vasculhar os séculos idos, pois segundo ele "*é difícil distinguir se o nosso passado é que é o nosso futuro, ou se o nosso futuro é que é o nosso passado.*" (09, p. 25).

Nesta dialética constante na vida e na poesia de Fernando Pessoa, entre o passado e o futuro é que o poeta vai debruçar-se sobre os velhos mitos da pátria: O **Sebastianismo** e o **Quinto Império**. Já a partir de 1914 o poeta passa a ler exaustivamente uma vasta bibliografia sobre estes mitos.

Rastreemos os poemas ligados a estes mitos na **Mensagem**. Na primeira parte do livro encontramos no poema PRIMEIRO/ULYSSES "O MYTHO é o nada que é tudo" (08, p. 23). Aí está a importância na crença num mito, que a princípio,

por ser mito, seria nada, mas que no final seria tudo pois vivendo numa época de decadência política e cultural, o poeta sentia a necessidade da crença num mito.

Já na primeira parte da *Mensagem* aparece a figura lendária de S. Sebastião:

"LOUCO, sim louco, porque quiz grandeza...

...

*"Minhas loucuras, outros que me a tomem
Com o que nella ia.*

Sem a loucura que é o homem

Mais que besta sadia,

Cadaver addiado que procria?" (08, p. 29)

A loucura pela grandeza, pela glória que estavam presentes em D. Sebastião, alguém a deveria tomar, uma vez que sem ela o homem não seria nada, apenas uma "besta sadia" e um "cadaver addiado que procria".

Na segunda parte do livro temos:

*"Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez
Senhor, falta cumprir-se Portugal."
(08, p. 33)*

Além da grandeza, da glória que alguém deveria possuir, temos que o mar foi cumprido, as grandes conquistas realizadas e o Império havido tinha sido desfeito, mas faltava cumprir-se Portugal. Quem seria aquele que tomaria para si a ânsia de glória de D. Sebastião e que cumpriria Portugal? O que significava cumprir-se Portugal? As respostas virão mais a frente.

Concentremos nossa atenção na terceira parte da *Mensagem*. Pela terceira vez (D. SEBASTIÃO/REI DE PORTUGAL, A ULTIMA NAU, PRIMEIRO/ D. SEBASTIÃO) o poeta retoma a figura de D. Sebastião:

*"É o que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei." (08, p. 45)*

Era a loucura, a ânsia de glória, justamente o que representava a vida de D. Sebastião, era isto que era eterno e

era precisamente isto que regressaria. Quando isto acontecesse **teria regressado D. Sebastião**.

A terceira parte da *Mensagem* intitula-se **O ENCOBERTO** e está dividida em três segmentos: **OS SYMBOLOS, OS AVISOS, OS TEMPOS**. O primeiro symbolo é o poema **D. SEBASTIÃO** do qual já fizemos referência. O segundo symbolo é o poema o **QUINTO IMPÉRIO**. Dele destacamos:

*"Grecia, Roma, Cristandade,
Europa - os quatro se vão
Para onde vae toda a idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião? (08 , p. 46)*

As perguntas, à medida em que avançamos, vão-se acumulando. Quem cumprira o Quinto Império em Portugal? O poeta interpreta o sonho de Daniel, Capítulo 2, como sendo os reinos da Grécia, Roma, Cristandade e Europa, contrariamente à exegese tradicional que aponta para Babilônia, Medo-Persia, Grécia e Roma. Mas isto não importa, o importante é que aquele que tomasse para si a ânsia de glória de D. Sebastião, aquele que vivesse a sua verdade cumpriria em Portugal a profecia do Quinto Império Universal.

O terceiro symbolo intitula-se o **DESEJADO**:

*"E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado." (08, p. 46)*

Aquele que respondesse a todas as perguntas formuladas até agora só poderia ser **O Desejado**. O quarto symbolo recebe o nome de **ILHAS AFORTUNADAS**. Como já estudamos, a crença nas Ilhas Afortunadas está diretamente relacionada ao mito de D. Sebastião e ao mito do Quinto Império. Destas Ilhas Afortunadas, D. Sebastião deveria retomar para implantar o Quinto Império. O Quinto symbolo denomina-se **O ENCOBERTO**.

Passemos agora para os avisos. O primeiro aviso denomina-se **BANDARRA**, pois foi ele quem primeiro avisou, anunciou o surgimento do Encoberto (D. Sebastião). O segundo aviso é dado por **ANTONIO VIEIRA** que indicou D.

João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, sucessivamente, como Encobertos. O que nos chama a atenção são os versos finais do segundo aviso:

*"A madrugada irreal do Quinto Império
Doiro as margens do Tejo" (08, p. 48)*

Portanto, temos que o Quinto Império mítico doirava as margens do Tejo, ou seja, ele se aproximava.

Antes de entrarmos na análise do terceiro aviso que não é nomeado, teremos que nos reportar a um artigo polêmico escrito por Fernando Pessoa na Revista *A Águia* em 1912. O artigo denominava-se *A nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*, publicado no número 5 desta revista. No final do ensaio, o poeta comenta;

"Portugal se prepara para um ressurgimento assombroso... A Hora de acção ainda não chegou. Primeiro, virá a teoria política da época. Depois virá o pô-la em prática. E quando a hora chegar, virá - não tenham dúvida - o homem de força que a imporá, eliminando os obstáculos. "

Deduzimos que muito antes da escrita dos poemas QUINTO IMPÉRIO (1933), O DESEJADO (1934), BANDARRA (1930) E ANTONIO VIEIRA (1929), Fernando Pessoa já cria que Portugal teria um "ressurgimento assombroso" e que para isto apareceria um "homem de força que a imporá, eliminando os obstáculos."

Sendo o poeta um monarquista convicto, cria que surgiria em Portugal uma monarquia que traria um tempo glorioso de volta. Este messianismo político de Fernando Pessoa não tinha só origem no messianismo judaico. Entravam nesta concepção, ocultismo, espiritismo, magia, alquimia e Santa Kabbalah.

Quando surgiu Sidônio Pais comandando a revolta militar em 1917, derrubando o governo português e assumindo a Presidência da República com os poderes extraordinários que a situação exigia, o poeta tira deste acontecimento histórico sua visão místico - conceptualista de

raça e à semelhança de Vieira em suas tentativas de apontar o Encoberto, vê em Sidônio Pais o Encoberto que implantaria o Quinto Império em Portugal, cumprindo assim o seu vaticínio de 1912.

Escreve o poema À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÔNIO PAIS, justamente porque suas expectativas se frustram quando em 1918 a República Nova acaba juntamente com o assassinato de Sidônio Pais.

*"Novo Alcacer-Kibir na noite!
Novo castigo e mal do Fado!
Por que pecado novo o açoite
Assim é dado?"*

A morte trágica de Sidônio Pais reforça a crença no mito Sebástico pois seu fado foi semelhante ao de D. Sebastião. Mas o poeta continua a crer no mito Sebástico e no mito do Quinto Império visto que, pelos seus conhecimentos ocultistas e baseado nas suas próprias profecias, sabia ser a hora exata de manifestar-se o Encoberto. Porém, devido ao desregramento político, a corrupção e a imoralidade reinantes em Portugal, não cria mais que um político pudesse ser o Desejado, acreditava que não era pelo caminho da revolução e sim da regeneração a saída para Portugal.

Voltemos à análise da terceira parte da *Mensagem*. O terceiro aviso não é nomeado, intitula-se apenas TERCEIRO e isto não é gratuito, ao contrário, é proposital. O primeiro aviso foi dado por Bandarra que anunciara o Encoberto, sendo que suas *Trovas* foram interpretadas como apontando D. Sebastião. Antônio Vieira deu o segundo aviso apontando D. João IV e outros. E este terceiro aviso quem daria? Ora, o profeta do terceiro aviso que anunciaria a vinda do Encoberto já podemos indicá-lo pois o poema é escrito em primeira pessoa: "SCREVO meu livro à beira-magua"(08, p. 49 - grifo nosso). O terceiro aviso é dado pelo terceiro profeta: **Fernando Pessoa** que já havia profetizado em 1912 um "ressurgimento assombroso" para Portugal.

Ao contar a história passada de Portugal, Pessoa usa a 1a. pessoa do plural (nós) "Vivemos, raça, porque houvesse/Memoria em nós do instinto teu" (08, p. 23) ou 3a. pessoa do plural (eles) "Os deuses vendem quando dão "(08,

p. 21). É um olhar de fora, porém, quando se aproxima do presente este "ver de fora" se transforma num "ver de dentro" em primeira pessoa:

*"E em mim, num mar não tem tempo ou
spaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que toma.*

...

*"Não sei a hora, mas sei que há a hora"
(08, p. 43)*

O que ocorre é que além de ser o terceiro profeta portador do terceiro aviso sobre o Encoberto, Fernando Pessoa chegou a considerar-se o próprio Encoberto. O poeta interpretou a terceira parte das *Trovas de Bandarra* que anunciavam o regresso de D. Sebastião para um dos anos entre 1878 e 1888, como se referindo a ele próprio.

"Ora neste ano (1888) deu-se em Portugal o acontecimento mais importante da sua vida nacional desde as descobertas; contudo, pela própria natureza do acontecimento, ele passou e tinha de passar inteiramente despercebido." (09, p. 174) (grifo nosso)

...

*"Peço desculpa de não poder ser mais claro."
(09, p. 175)*

E 1888 foi justamente o ano do nascimento de Fernando Pessoa. Agora temos as respostas para todas as perguntas anteriormente formuladas. Era o poeta Fernando Pessoa quem tomaria para si a ânsia de Glória pela qual viveu D. Sebastião, era ele quem viveria a verdade pela qual morreu D. Sebastião, quem cumpriria Portugal, era ele o Desejado que implantaria o Quinto Império em Portugal. O poeta sabia que Portugal era uma sociedade sacral pois segundo ele "A alma lusitana está grávida de divino" (09, p. 177).

Quando o poeta fala que "pela própria natureza do acontecimento, ele passou e tinha de passar inteiramente despercebido", queria dizer que sendo ele o Encoberto, não poderia ser revelado, senão depois de sua morte, à semelhança do Escolhido de Israel: Cristo.

Além de se considerar o próprio Encoberto, Fernando Pessoa num dos seus estudos, aponta três fantasmas do Encoberto. O estudo denominava-se: *Os fantasmas do Encoberto*.

"É que estas duas figuras como ainda a de Sidônio depois, não são mais que figurações do Encoberto Real" (09, p. 227)

Quando fala em "duas figuras" o poeta se refere a D. João IV(1640) e Marquês do Pombal (1740). Como o poeta neste estudo já havia repetido várias vezes o nome dos falsos Encobertos, nesta citação evita citá-los novamente.

Estes fantasmas do Encoberto (D. João IV, Pombal e Sidônio Pais) seriam apenas figurações falsas do Verdadeiro Encoberto: ele, **FERNANDO PESSOA**.

O poeta cria que o Sebastianismo era o único movimento profundamente nacional e que tinha a força de um movimento religioso, sendo assim teorizava a necessidade de a civilização portuguesa crer no mito Sebástico:

"Temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é pois mais fácil; não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o incarnar. Feito isso, por cada um de nós independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos e a atmosfera estará criada, em que todos os outros, como nós o respirem. Então se dará na alma da Nação o fenômeno imprevisível de onde nascerão as Novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá

regressado El-Rei D. Sebastião." (09, p. 47) (grifo nosso)

No momento em que o povo português se embebedasse deste sonho, se integrasse da verdade do mito Sebástico, então retornaria El-Rei D. Sebastião para implantar o Quinto Império. Os antigos vaticínios da Idade Média e as profecias de Bandarra apontavam que o Encoberto fundaria o Quinto Império em Portugal, assim sendo, Fernando Pessoa cria que o Encoberto, ele próprio, fundaria o Quinto Império. Perguntado sobre o que calculava ser o futuro da raça portuguesa, o poeta respondia:

***"O Quinto Império. O futuro de Portugal
Esse futuro é sermos tudo...
Conquistamos já o Mar: resta que
conquistemos o Céu, ficando a terra para
os Outros, os eternamente Outros..."
(09, p. 46) (grifo nosso)***

Mas que tipo de Império seria este?

Fernando Pessoa cria que este Império seria totalmente diferente daqueles quatro primeiros citados na profecia de Daniel capítulo 2.

"Assim temos que no Quinto Império haverá a reunião de duas forças separadas há muito, mas há muito aproximando-se: o lado esquerdo da sabedoria - ou seja a ciência, o raciocínio, a especulação intelectual; e o seu lado direito - ou seja o conhecimento oculto, a intuição, a especulação mística e Kabalística." (09, p. 146)

Ora porque maior sabedoria, raciocínio (dispersão mental - o caso do processo heteronímico) e especulação intelectual do que os encontrados em Fernando Pessoa? E quem mais do que ele era místico por excelência, possuindo conhecimentos sobre gnosticismo, magia, ocultismo, alquimia, Santa Kabbalah? Este Quinto Império do qual o poeta seria imperador, seria um Império Cultural, não de guerras, não de

conquistas materiais. Para Fernando Pessoa as conquistas já haviam sido feitas, o Império passado havia se desfeito, faltava cumprir-se Portugal, ou o **Quinto Império Cultural de Portugal**.

A desesperada procura do poeta para um sentido para Portugal vai gerar a sua crença no Quinto Império Cultural, do qual ele seria a cabeça pois segundo ele "O lirismo... é a qualidade máxima da raça."(09, p. 79).

Após o esboço ditatorial de Pimentel de Castro e o Sidonismo em 1926, Fernando Pessoa passa a crer que estes acontecimentos eram sucessivos interregnos, uma espécie de ponte regeneradora que ligaria o **Império Havido** com o **Império a Haver**.

Como monarquista convicto, o poeta cria em três tipos de Império: Império de Domínio, Império de Expansão e Império de Cultura. Como Portugal já tinha tido um Império de Domínio e outro de Expansão, faltava apenas cumprir o **Império Cultural**, de expansão Cultural.

As características deste Império Cultural seriam segundo o poeta, as seguintes: a) uma língua apta para isto (rica, gramaticalmente completa, fortemente nacional; b) o aparecimento de homens de gênio literário, escrevendo nesta língua e ilustrando-a; c) a base material para poder expandir ainda mais esta língua e impô-la (número de pessoas falando esta língua).

Com relação aos itens "a" e "c" há muito que explicar: a riqueza da língua portuguesa é inegável e o número de pessoas falando o português é grande, citemos como exemplo o Brasil e as ex-colônias portuguesas na África. O que está diretamente relacionado ao Desejado, ao fundador do Quinto Império Cultural é o item "b": o surgimento de homens de gênio literário.

Pode-se afirmar que havia um projeto nacionalista na cabeça de Fernando Pessoa, porque todas as coisas se encaixam perfeitamente. Já em 1910, nas páginas da Revista *A Águia*, após analisar o momento político de Portugal e os períodos evolutivos da literatura inglesa, o poeta chega a seguinte conclusão:

"Ser indiscutível encontrar-se a nossa literatura em vésperas de se manifestar

tão superiormente que não tardaria a oferecer ao mundo um novo Camões - um "supra-Camões" e à Europa uma nova mensagem civilizacional." (grifo nosso)

Quem seria este "supra-Camões", o homem de gênio literário sem o qual o Quinto Império Cultural Português não existiria?

Antes de respondermos a esta pergunta lembramos que Camões foi considerado o príncipe dos poetas portugueses e alguns críticos como Hernani Cidade¹ o apontam não apenas como o representante de uma literatura, mas duas inteiras: Portuguesa e Brasileira.

Depois da consideração acima, respondemos a questão anteriormente formulada: o homem de gênio, o "supra-Camões" era o próprio Fernando Pessoa. Neste ponto Fernando Pessoa extrapolou o dom profético de João Batista que anunciou o ministério de Cristo, pois Fernando Pessoa foi João Batista e Cristo ao mesmo tempo, anunciou uma profecia e cumpriu-a em si próprio..

Portanto, só um "supra-Camões" poderia ser o imperador do Quinto Império Cultural de Portugal. Sabendo nós quem foi Camões, em que sentido Fernando Pessoa poderia ser um "supra-Camões"?

"Um super-Camões multiplicado, potenciado, por uma completa família de heterônimos"
(09, p. 53)

Fernando Pessoa se considerava o homem de gênio apto para implantar o Quinto Império Cultural porque ele não era um só Camões, ele era um Camões multiplicado, um Camões elevado à potência maior: Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares, etc. Fernando Pessoa foi um "supra-Camões", não no sentido de "ser visto como superior a Camões mas como aquele que cria sua obra sobre a de Camões e que, por vir depois, vê o que Camões não pode ver, conclui o que Camões iniciou e pretende dizer a

¹ CIDADE, Hernani. O príncipe dos poetas portugueses in: *Luis de Camões: O lírico*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1936, Ca, 5, p. 273-321

palavra definitiva."(07, p.48). Portanto, aquele que enxerga mais longe que Camões, complementa sua visão, vê mais longe, vê o que Camões não viu, tomando-se mais abrangente, mais potente, diversificado em vários poetas e principalmente aquele que possui uma inesgotável "febre de Além que constitui o cerne da poesia pessoana"(02, p. 37). Porém como explicar o fato de que um "supra-Camões" apareceu em Portugal e passou quase despercebido?

O próprio Fernando Pessoa responde:

"Os acontecimentos chamados homens de gênio são exemplos típicos, nenhum, ou quase nenhum homem de gênio é conhecido como tal, ou como tal devidamente apreciado em sua época e na época a ele próxima."
(09, p. 185)

Assim como o nascimento do poeta, 1888, deveria passar despercebido (O Encoberto), também com o surgimento do "supra Camões" deveria ocorrer o mesmo. Tal como o retorno do Encoberto, o surgimento do "supra-Camões" deveria vir envolto numa névoa tênue e baça.

O surgimento do "supra-Camões" para o poeta está diretamente ligado ao retorno de El-Rei D. Sebastião e ao mito do Quinto Império:

"É que tal 'super-Camões' se liga, no pensamento de Pessoa, ao 'regresso' de 'EL-Rei D. Sebastião', o qual teria ocorrido num 'dos anos entre 1878 e 1888'" (09, p. 53)

Como Fernando Pessoa nasceu em 1888, temos que Fernando Pessoa se considerava o SUPRA-CAMÕES, O ENCOBERTO, e o IMPERADOR DO QUINTO IMPÉRIO CULTURAL.

Podemos estabelecer o seguinte esquema:

**Aparecimento de homens de gênio =
"supra-Camões" = Regresso de El-Rei D.
Sebastião = Quinto Império Cultural =
Fernando Pessoa.**

Como crê ser o Encoberto, Fernando crê ser D. Sebastião. Não entraremos aqui no mérito das discussões sobre as doutrinas iniciáticas para explicar isto, apenas daremos a própria explicação do poeta.

"Com D. Sebastião morreu a grandeza da pátria. Se a pátria tomar a ser grande, voltará, ipso facto, D. Sebastião, não só simbolicamente falando, mas realmente." (09, p. 197)

No poema PRIMEIRO/D. SEBASTIÃO, liricamente, D. Sebastião diz: "É o que eu me sonhei que eterno dura,/ É esse que regressarei".(08, p. 45). **Se o sonho de grandeza, de glória e de poder voltassem a Portugal, D. Sebastião teria retornado.** Neste ponto, diante desta perspectiva, Fernando Pessoa foi realmente D. Sebastião/ O Encoberto, pois possuía a uma ânsia de glória e grandeza para sua Pátria, o que Cleonice Berardinelli classifica como **febre de Além.** Também pregava a regeneração através dos homens de gênio que implatariam o Quinto Império Cultural/ Espiritual reconhecendo que não era da índole do povo português a revolta e a agitação.

Para Fernando Pessoa o Quinto Império Cultural, universal e sincrético era o futuro, a regeneração de Portugal:

"Criando uma civilização espiritual própria, subjugaremos todos os povos; porque contra as artes e as forças do Espírito não há resistência possível, sobretudo quando elas sejam organizadas, fortificadas por almas de generais do Espírito." (09, p. 44)

O Império Cultural segundo o poeta deveria dominar desde o passado, visto a poesia dos Cancioneiros, os Romances de Cavalaria e principalmente **porque o português descobriu a própria idéia da descoberta.** Deveria dominar, mas não dominou.

"Para justificar a sua aspiração (de agora) a um império Cultural, tem Portugal, além da tradição quebrada desse império, isto é, da indicação inicial nesse sentido, a felicidade de não ter tido até agora uma grande literatura, mas uma literatura escassa e pequena, de modo que está tudo por fazer nesse campo, o que torna possível o fazer tudo, e como deve ser feito." (09, p. 239).(grifo nosso)

O Império Cultural deveria dominar desde o passado, como não dominou, cumpria ao poeta/ Encoberto ser o fundador, a cabeça deste Império Cultural, visto que em termos de cultura o poeta reconhecia que "quantitativamente, nunca a tivemos; qualitativamente, pouco"(09, p. 251). Interessante observamos que Fernando Pessoa não relaciona o nome de Camões ao Quinto Império Cultural que deveria dominar desde o passado, pois para ele tudo o que houve em Portugal em termos de literatura foi "escassa e pequena" visto "a nossa carência quase absoluta de tradição cultural". (09, p. 252).

Questionado sobre que tipo de Império seria este, o poeta responde:

***"É um imperialismo de poetas?
Seja." (09, p. 240) (grifo nosso)***

"O Imperialismo de poetas dura e domina; o dos políticos passa e esquece, se o não lembra o poeta que os cante." (09, p. 240)

Como cria que Portugal possuía em termos de cultura quantitativamente nada, qualitativamente muito pouco, sendo isto devido a uma absoluta carência de tradição cultural e que Portugal vivia agora um estado vegetativo culturalmente falando, o poeta crê ser ele o **Primeiro Imperador do Quinto Império Cultural**. Neste sentido olvida os gênios anteriores a ele como Camões, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Cesário Verde, Camilo Pessanha e tantos outros do mesmo porte.

No final da *Mensagem* há uma aparente queda "NEM REI, nem lei, nem paz, nem guerra."(08, p. 53), mas a curva ascende magistralmente como fênix renascida.

"É a hora!

Valete Frates! (08, p. 53)

Era a hora da regeneração de Portugal, da volta do sonho, da loucura pela qual viveu D. Sebastião, era a hora da fundação do Quinto Império Cultural.

O ufanismo messiânico que já estava presente na Idade Média se faz presente em Fernando Pessoa quando alude ao Quinto Império Cultural:

"Conquistámos já o mar resta que conquistemos o Céu, ficando a Terra para os outros, os eternamente Outros... (09, p. 46).

Embora Fernando Pessoa não tenha vivido o suficiente para criar a Bandeira do Quinto Império Cultural de Portugal, imaginamos que se ele a tivesse criado, usaria como lema as suas próprias palavras: "O cio de criar, a sagrada luxúria de Construir" (09, p. 227)

Concordamos dentro de tudo que até aqui foi estudado que Fernando Pessoa foi o Encoberto, pois trouxe de volta os sonhos de grandeza e glória que estavam associados a D. Sebastião e que foi o Imperador do Império Cultural de Portugal. Porém, nos parece que seria mais coerente se o poeta tivesse apontado à Camões como fundador do Império Cultural, todos os outros grandes poetas portugueses de Camões até ele, como continuadores deste Império, e ele, Fernando Pessoa, como o Imperador de uma Nova Era dentro deste Império de Poetas. Mas esta nossa coerência não seria coerente para Fernando Pessoa, pois havia a questão da data do retomo do Encoberto: 1888. O fato é que ele olvida, na tentativa de ser exato nas profecias e nas datas, os gênios anteriores:

"Preparemos o caminho dos grandes gênios portugueses." (09, p. 240).

Se ele está preparando o caminho, não há nada antes, pois quem prepara o caminho é precursor de alguma coisa ou de alguém.

Sempre quando estudamos Fernando Pessoa há de se ter muita cautela, mas às vezes precisamos ousar e tentar uma trova, um vaticínio, não do mesmo porte de Bandarra ou Vieira ou do próprio Fernando Pessoa. Mas há de se tentar e o faremos agora.

Como Fundador do Quinto Império Cultural de Portugal, Fernando Pessoa cria que sua Dinastia, a de Homens de Gênio, continuaria este reinado. Tal como a Dinastia de Avis, que ele prepararia o advento de novos imperadores culturais.

Embora , repecitemos as colocações de Pessoa, achamos melhor nomear Camões, O Príncipe dos Poetas Portugueses, como fundador deste Império Cultural e todos os poetas de Camões até Fernando Pessoa, como reis deste Império. Porém, não podemos deixar de constatar que o Imperador Fernando Pessoa, marcou decisivamente uma Nova Era do Império Cultural, uma vez que multiplicado e potenciado por uma enorme e vastíssima família de heterônimos, "conseguiu ver mais longe que Camões" (07, p. 48)

Esta Nova Era iniciada por Fernando Pessoa, realmente preparou a vinda de novos homens de gênio, a saber: Alves Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, José Cardoso Pires, Augusto Alebara, Vergílio Ferreira, José Gomes Ferreira, Fernando Namora, Antônio Lobo Antunes, Jorge de Sena, Sofia de Mello Brayner, Ana Hatherly, Agustina Bessa Luís, Melo e Castro, Alfredo Margarido, Maria Judite de Carvalho, Maria Velho da Costa, Lídia Jorge e finalmente José Saramago.

A partir de 1982, José Saramago passa a produzir somente "best-sellers" imediatamente traduzidos em quase todas as línguas. Estas obras são: *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *Jangada de Pedra*, *História do Cerco de Lisboa* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *In Nomini Dei*.

A crítica literária tem recebido este escritor com muito entusiasmo e há consonância e unanimidade de opiniões. O mesmo é classificado como "criador de fabulações

assombrosas", dotado de "alumbramento poético", ficcionalmente um "arqueólogo do imaginário". Citamos agora a opinião de alguns críticos, para embasarmos as nossas colocações finais:

"José Saramago recoloca o grande romance português, com toda especificidade, no futuro e no universal" (04, p. 09)

"José Saramago é o melhor escritor vivo da língua portuguesa"(11, p. 90)

Por outro lado, Antonio Lobo Antunes foi indicado como um dos favoritos para ganhar o Prêmio Nobel de Literatura do ano de 1995.

Se, conforme colocamos, Camões, a nosso ver, seria o fundador do Império Cultural Português e todos os grandes poetas que viveram desde Camões até Fernando Pessoa os imperadores culturais que deram continuidade ao Império inaugurado pelo escritor de *Os Lusíadas*; se Fernando Pessoa fundou o que chamamos de uma Nova Era neste Império Cultural e que abrangeu uma centena de imperadores culturais, quem seria então o mais Novo Imperador do Quinto Império Cultural de Portugal? Quem entre os escritores e poetas citados acima, empunharia a bandeira hipotética do Quinto Império que traz a inscrição: "O CIO DE CRIAR, A SAGRADA LUXÚRIA DE CONSTRUIR"? Quem encarnaria a "febre de Além" de Pessoa ?

Seria Saramago? Seria Antonio Lobo Antunes? Ou seria outro? Teria regressado D. Sebastião, para conquistar não mais o mar, mas a terra?

Seria novamente a Hora?

Valete, Frates...

BIBLIOGRAFIA

- 01-AZEVEDO, J. Lúcio. *A Evolução do Sebastianismo*. 2ª. Ed. corrigida e simplificada. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947.
- 02-BERARDINELLI, Cleonice. MENSAGEM in: XV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa - IV Seminário de Estudos Literários. UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis. São Paulo-Arte E Cultura, p. 35 - 44.
- 03-BESSELAR, José Van Deen - *O Sebastianismo - História Sumária*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Cultura, 1987 (Biblioteca Breve-Série Histórica).
- 04-DACOSTA, Fernando. Um Evangelho de referência (artigo). Lisboa: Jornal de Letras: junho de 1992.
- 05-ELIADE, Mircea - *O Sagrado e o Profano - A essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 06-FONSECA, S. Monteiro (editor). *Sobre o Sebastianismo - Um curioso documento do começo do século XVIII*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1959.
- 07-GARCEZ, Maria Helena Nery Garcez. Mensagem:Profissão de Fé Poética in: *XV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa - IV Seminário De Estudos Literários*. Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Câmpus de Assis. Assis: Editora Arte & Cultura, 1995, P.45 - 56.
- 08-PESSOA, Fernando. *Mensagem* (anotações de Maria Aliete Galhoz). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

- 09-PESSOA, Fernando - *Sobre Portugal - introdução ao problema nacional* (Introdução e organização de Joel Serrão, recolha de textos Dra. Isabel Rocheta e Dra. Maria Paula Mourão"). Lisboa: Editora Ática, 1978.
- 10-SIMÕES, João Gaspar - *Vida e Obra de Fernando Pessoa - História de uma geração*. 2ª. Edição revista e acompanhada de um novo prefácio. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.
- 11-TOLEDO, Roberto de - *Cristo e o Deus Cruel (artigo)*. São Paulo: Editora Abril. Revista Veja, Edição 1207, 1991.